

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

LUIZ CARLOS GONÇALVES ABREU

VIOLÊNCIA URBANA EM CURITIBA

**CURITIBA
2012**

LUIZ CARLOS GONÇALVES ABREU

VIOLÊNCIA URBANA EM CURITIBA

Trabalho entregue ao Curso de Especialização em Sociologia Política da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a conclusão do Curso.

Orientadora: Prof^a. Ms. Fábiana Berlatto

**CURITIBA
2012**

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão da minha existência.

À minha família, pelo apoio incondicional nessa trajetória,

À minha orientadora prof^a Fábila Berlattto, Mestre em Sociologia, pela dedicação, apoio e incentivo para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do curso, pelos ensinamentos transmitidos que levarei por toda a minha vida,

Aos meus colegas de curso, pela amizade construída.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Mapa da Região Metropolitana de Curitiba.....24
----------	---

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PR	- Paraná
OMS	- Organização Municipal de Saúde
XX	- Vinte
FLACSO	- Faculdade Latino-americano de Ciências Sociais
%	- Porcentagem
CF	- Constituição Federal
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
Art.	- Artigo
XXI	- Vinte e hum
P.	- Página
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
MERCOSUL	- Mercado Comum do Sul
RMC	- Região Metropolitana de Curitiba
COMEC	- Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. CONCEITOS DE VIOLÊNCIA	8
2.1 Sobre a violência Urbana.....	11
2.2 Sobre a Relação da Violência Urbana com a Pobreza	19
2.3 A Violência Urbana e o problema da Exclusão sócio espacial	21
2.4 Violência Urbana na cidade de Curitiba	23
3. O QUE DIZ A BIBLIOGRAFIA SOBRE AS “CAUSAS” DA VIOLÊNCIA	24
3.1 O que diz a bibliografia sobre as “Consequências da violência.....	26
4.1 Como a violência é percebida pelos jovens	29
5. MEDIDAS DE COMBATE E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA	36
6. A COMUNICAÇÃO E O COMBATE À VIOLÊNCIA	42
7. O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA ...	46
8. CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS	51

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo promover um debate sobre a violência urbana praticada por e contra os adolescentes, discutir as causas e consequências, bem como analisar o contexto na qual ela se insere e as ações para combatê-la. O cenário do estudo far-se-á em âmbito nacional e, posteriormente, na cidade de Curitiba – PR.

Além disso, é fundamental procurar identificar os motivos que levam os jovens a trilhar por este caminho e por que os índices crescem assustadoramente, em especial, na capital paranaense.

O tema proposto, por sua complexidade, pretende chamar ao palco da discussão a família, a sociedade organizada e o Estado brasileiro. Verificar suas ações em prevenção e no combate da violência praticada contra/por jovens.

Também, buscar, através de estudos de diversos doutrinadores, traçar um perfil de jovens com maior vulnerabilidade e suas condições sociais.

Finalmente, o trabalho almeja dar sua parcela de contribuição para que tenhamos uma sociedade mais igual e menos violenta.

2. CONCEITOS DE VIOLÊNCIA

A palavra violência tem sua origem no latim “*violentia*”, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa trotar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer, força, vigor, potência. Mais profundamente, a palavra *vis* significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer a sua força e, portanto, a potência, o valor, a força vital (GREGORIO, 2000)¹.

Tereza Cristina Albieri Baraldi (2008, p. 380)², afirma que violência é termo amplo e complexo porque guarda vários sentidos. Segundo a autora, se pedirmos para algumas pessoas darem exemplos de violência, poderão citar guerras, prostituição infantil, desemprego, fome, corrupção, racismo, tráfico ilícito de drogas, mau atendimento na saúde pública, destruição do meio ambiente, abandono de crianças e adolescentes. Os exemplos surgem na intensidade ou nas “hierarquias” mais diversas, de acordo com a realidade que a pessoa vive.

Diversos são os estudiosos que conceituam o termo violência. Baraldi entende por violência “o constrangimento físico ou moral, o uso da força contra algo ou alguém”.

Para Émile Durkheim (2001, p. 91)³ o crime é um fato social, e que o mesmo só pode ser qualificado como crime em relação a uma cultura social específica. O autor afirma que a noção de violência urbana tem relação direta com a cultura onde ela se realiza.

Segundo o dicionário Aurélio, violência pode ser entendida como “constrangimento físico ou moral; uso da força, coação”.

No âmbito jurídico, o dicionário Houaiss define o termo em questão como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), violência é a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis. Há especialistas que divergem da OMS, já que, para eles, o conceito é muito mais amplo e ambíguo

¹ GREGÓRIO, Sérgio Biagi. **Violência Manifesta e Violenta Oculta**. Disponível em: <http://www.ceismael.com.br/artigo/violencia-manifesta-e-oculta.htm>. Acesso em: 31 jan. 2012.

² BARALDI, Tereza Cristina Albieri. **Políticas Públicas e Direitos Humanos: Gestão em Segurança Pública**. Módulo II, Aula 6. Fundação João Mangabeira. Brasília, 2008.

³ DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Marin Claret, 2001.

do que essa mera constatação apontada, mesmo porque dor é uma concepção muito difícil de ser elucidada.

José Vicente Tavares dos Santos (2009, p. 46)⁴ compreende que definir violência não é fácil, principalmente se levada em consideração sua variação de origem. Mas ele traz ainda a seguinte noção:

[...] a violência seria a relação social, caracterizada pelo uso real ou virtual da coerção, que impede o reconhecimento da outra pessoa, classe, gênero ou raça, mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea.

Sob a perspectiva de Maria Cecília de Souza Minayo (1994, p. 513)⁵, violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou intelectual. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, serviria e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e pelo terror⁶.

Ao reconhecer a existência da violência, a autora acrescenta que “se trata de uma realidade plural, diferenciada, cujas especificidades necessitam ser conhecidas”.

Marilena Ristum (2001, p. 63)⁷ enxerga a violência “como um problema de saúde pública, definida como qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo ou instituição, dirigida a outrem, que cause prejuízos, danos físicos e/ou psicológicos”.

Segundo Marcelo Resende Guimarães (1996, p. 3)⁸, o fenômeno da violência emergiu como um problema para os indivíduos e sociedades em fins do século XX. Muito embora – por vezes --, não aprofundado e sujeito à influência da mídia, assumiu a proporção de um debate popular, expresso tanto na conversa

⁴ SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violência e Conflituosidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

⁵ MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁶ *Ibid.*, p. 538.

⁷ RISTUM, Marilena. **O conceito de violência de professores do ensino fundamental**. Tese de Doutorado. Salvador, 2001. 410f.

⁸ **O Conceito de Violência em Hannah Arendt e sua repercussão na educação**. Disponível em: <<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?article809>. Acesso em: 31 jan. 2012.

cotidiana dos cidadãos e cidadãs, dos seus comportamentos e sentimentos, como na pauta das instituições que compõem a sociedade.

Hannah Arendt é dura ao criticar a delimitação conceitual de violência:

“Penso ser um triste reflexo do atual estado da ciência política que nossa terminologia sobre violência não distinga entre palavras-chave tais como “poder” (Power), “vigor” (strenght), “força” (force), “autoridade” e, por fim, “violência” – as quais se referem a fenômenos distintos e diferentes”.

Para Arendt, tanto na educação como no conjunto da sociedade, a violência pode ser interpretada como uma forma de expressão dos que não têm acesso à palavra, quando ela não é possível. A violência se afirma e a condição humana é negada. Neste sentido, a reversão e a alternativa à violência passam pelo resgate e devolução do direito à palavra, pela oportunidade da expressão das necessidades e reivindicações dos sujeitos, pela criação de espaços coletivos de discussão, como também pela sadia busca do dissenso e da diferença⁹.

Um enfoque polêmico trazido por Elaine Ferreira do Nascimento *et al.* (2009)¹⁰, demonstra a violência como prerrogativa apenas do sexo masculino e assim, ela é “biologicamente estabelecida”.

“Violento é sempre o outro”, como afirma Michel Misse (2002)¹¹. Ninguém se autoproclama violento. O “outro”, o “diferente” passa a ser visto com desconfiança, ou, como afirma Silva, “com o perigo e a desconfiança envolvidos na relação com o outro sendo definidos no imediatismo da ameaça à integridade física e patrimonial de cada um, que são os pressupostos da continuidade regular das atividades rotineiras”.

Um exemplo dado por Misse é o caso do assassinato do jornalista Tim Lopes, que ganhou notícia por muitos dias. Pergunta o autor: “não existem outros “n” casos de assassinatos? O fato de esse ganhar notoriedade confirma a hipótese de que a violência parece habitar apenas a caso “do outro”. Os “outros” permanecem na indiferença da população”.

⁹ **O conceito de violência em Hannah Arendt e sua repercussão na educação.** Disponível em: <<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?article809>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

¹⁰ NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. **Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens.** Revista Ciênc. Saúde coletiva. Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, ago. 2009.

¹¹ MISSE, Michel. **Violência: o que foi que aconteceu?.** Disponível em: <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/1Violenciaoquefoiqueaconteceu.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

Ainda, segundo Misse, a violência não trata apenas de assassinatos ou drogas. Faz parte dela a corrupção, os assaltos, o jogo do bicho, a tortura, os sequestros, só para citar alguns.

É preciso considerar ainda, os tempos em que se está vivendo. Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay (2002, p. 161)¹² consideram que “o medo, a exposição à violência e a participação ativa em atos violentos e no tráfico de drogas” são marcos da modernidade.

Assim, a violência pode ser entendida de várias formas. No entanto, fica em evidência que são as relações sociais que definem o que é a violência e qual a gravidade de cada ato violento em cada sociedade.

2.1 Sobre a violência Urbana

Pode-se observar que a violência é mais alarmante, ao menos no Brasil, nos espaços urbanos. Ali os índices de violência só têm aumentado e estão em frequente acompanhamento da sociedade e das agências estatais.

O Brasil amarga o crescimento das taxas de mortes violentas de crianças e jovens. Em um ranking de 92 países do mundo, apenas El Salvador, Venezuela e Guatemala apresentam taxas de homicídios maiores que a do nosso país (44,2 casos em 100 mil jovens de 15 a 19 anos)¹³.

Segundo Adorno Bordini; Eliana B. T. Bordini; Renato Sérgio de Lima (2012, p. 62)¹⁴, parte significativa da programação da imprensa é voltada para relatos sobre eventos de violência, e, em grande parte, praticados por jovens e adolescentes na faixa de idade entre 12 e 21 anos de idade.

As imagens veiculadas pela imprensa e pela mídia eletrônica, cada vez mais frequentes e cotidianas, pintam cenários dramáticos com cores muito fortes: a de jovens, alguns até no limiar entre infância e a adolescência,

¹² CASTRO, Mary Garcia. *et. al. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências*. Cadernos de Pesquisas. São Paulo, n. 116, jul. 2002.

¹³ **MAPA da Violência: em 10 anos, Pernambuco reduz as taxas de homicídios de crianças e jovens**. Disponível em: <<http://www.psbnacional.org.br/not=det.asp?det=2047>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

¹⁴ BORDINI, Adorno; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato S. de. **O Adolescente e as Mudanças na Criminalidade Urbana**. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down067.pdf>> Acesso em: 13 fev. 2012.

audaciosos, violentos, dispostos a tudo e prontos para qualquer tipo de ação, inclusive matar gratuitamente (BORDINI, 2012)¹⁵.

A prática de violência contra crianças e adolescentes (maus tratos, abandono e negligência, abuso e exploração sexual comercial, trabalho infantil, dentre outras) não é recente. Um olhar atento à trajetória histórica de crianças pobres no Brasil deixa claro a procedência dessa afirmação. Sua visibilidade, todavia, vem ganhando novos contornos, em especial na proporção e extensão que está ocorrendo nas duas últimas décadas, no Brasil¹⁶.

O Sociólogo e professor da Flacso¹⁷, Júlio Jacobo Waiselfisz, disse que em relação aos níveis de agressão a crianças e adolescentes existe uma diferença gritante entre o Brasil e países como Áustria, Espanha, Irlanda, Itália, Noruega, Polônia, Portugal e Reino Unido. Enquanto a Inglaterra tem uma taxa de 0,2% de homicídios a cada cem crianças e adolescentes, o Brasil tem 13 vezes mais.

Segundo Baraldi (2008, p. 382)¹⁸, quando a violência é doméstica, sem sombra de dúvida ela é a grande propulsora das condutas criminosas do agressor adulto, o qual na infância foi vítima de violência, de famílias desajustadas, de desamor, desrespeito e abandono afetivo, emocional e material.

Nos dados divulgados por Júlio Jacobo Waiselfisz¹⁹ em “Mapa da Violência 2012”, a maior parte dos atos de violência contra jovens ocorre em casa, praticada por pessoa próxima. O estudo mostra que 40% das agressões são físicas e 20% sexuais. Ainda segundo o autor, esses percentuais ainda não refletem a realidade, pois muitas outras sofrem a violência e permanecem caladas.

A Constituição Brasileira assegura aos jovens direitos e atribui à família, à sociedade e ao Estado deveres para a proteção destes jovens.

¹⁵ BORDINI, Adorno; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato S. de., *loc. cit.*

¹⁶ FRANCISCHINI, Rosângela; NETO, Manoel O. de S.. **ENFRENTAMENTO à violência contra crianças e adolescentes: Projeto Escola que Protege.** Rev. Dep. Psicol.,UFF, vol.19, no.1. Niterói 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100018> Acesso em: 30 jan. 2012.

¹⁷ Portal PSB com Agências. **Mapa da Violência: Em 10 anos, Pernambuco reduz as taxas de homicídios de crianças e jovens.** Disponível em: http://www.psbnaional.org.br/not_det.asp?dete=2047 . Acesso em: 20 jul. 2012.

¹⁸ BARALDI, Tereza Cristina Albieri. **Políticas Públicas e Direitos Humanos.** Gestão em Segurança Pública. Fundação João Mangabeira. Brasília: 2008, p. 382.

¹⁹ Júlio Jacobo Waiselfisz, sociólogo e professor da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (Flacso).

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”(CF, art. 227)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, inclui em seu art. 4º que é dever também da comunidade assegurar a efetivação dos direitos dos jovens.

4º: “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”.

Segundo Minayo (2001, p. 26)²⁰,

(...) a violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Implica, de um lado, uma transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade em geral e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de desenvolvimento.

Há de se notar que a violência é crescente em todos os centros urbanos, sendo motivo de preocupação das autoridades, pois ela atinge as crianças e adolescentes que serão os cidadãos de amanhã.

Anthony Ablaster (2011)²¹ descreve bem os motivos pelos quais a violência urbana é um fenômeno grave e urgente em nosso país:

A violência urbana, no entanto, não compreende apenas os crimes, mas todo o efeito que provoca sobre as pessoas e as regras de convívio na cidade. A violência urbana interfere no tecido social, prejudica a qualidade das relações sociais, corrói a qualidade de vida das pessoas. Assim, os crimes estão [também] relacionados com as contravenções e com as incivildades. Gangues urbanas, pixações, depredação do espaço público, o trânsito caótico, as praças malcuidadas, sujeira em período eleitoral compõem o quadro da perda da qualidade de vida. Certamente, o tráfico de drogas, talvez a ramificação mais visível do crime organizado, acentua esse quadro, sobretudo nas grandes e problemáticas periferias.

²⁰ MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

²¹ ABLASTER, Anthony. **Violência**. Disponível em: <<http://www.bancodeprofissionais.com/guiacontraviolencia/violencia>>. Acesso em: 30 mar. 2011.

Pela fala do autor, é possível verificar que a violência urbana é uma constante ameaça à paz e à estabilidade da sociedade. Como constata o autor, dessa forma ela acaba envolvendo toda a sociedade.

No Brasil, a violência, que antes estava presente nas grandes cidades, alastra-se para cidades menores, à medida que o crime organizado procura novos espaços. Além das dificuldades das instituições de segurança pública em conter o processo de interiorização da violência, a degradação urbana contribui decisivamente para ele, tendo em vista que a pobreza, a desigualdade social, o baixo acesso popular à justiça não são mais problemas exclusivos das grandes metrópoles.

[...] Há diferenças na visão das causas e de como superá-las, mas a maioria dos especialistas no assunto afirma que a violência urbana é algo evitável, desde que políticas de segurança pública e social sejam colocadas em ação. É preciso atuar de maneira eficaz tanto em suas causas primárias quanto em seus efeitos, aliar políticas sociais que reduzam a vulnerabilidade dos moradores das periferias, sobretudo dos jovens, à repressão ao crime organizado. Uma tarefa que não é só do Poder Público, mas de toda a sociedade civil (ABLASTER, 2011)²².

Para Bordini (2008)²³, o crescimento da violência na sociedade brasileira comporta os crimes comuns, “violência conectada ao crime organizado, explosão de conflitos nas relações pessoais e intersubjetivas e, em especial, violação dos direitos humanos”.

A prevenção da violência como perspectiva da segurança pública é recente no Brasil, seja para os responsáveis pelas políticas públicas, para os acadêmicos e, mais ainda, como idéia inserida em pauta de reivindicações da sociedade civil organizada em face das forças policiais e dos órgãos estatais. Dessa maneira, Baraldi (2008, p. 392)²⁴, diz ser razoável estabelecer um conceito básico para a prevenção da criminalidade como sendo um conjunto de intervenções que buscam promover a segurança dos indivíduos e das comunidades sem recorrer à tradicionais sanções da Justiça Criminal.

²² ABLASTER, Antony. **Violência**. Disponível em: <http://www.bancodeprofissionais.com/guiacontraviolencia/violencia>. Acessado em: 30 mar. 2011.

²³ BORDINI, Adorno; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato S. de. **O Adolescente e as Mudanças na Criminalidade Urbana**. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down067.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

²⁴ BARALDI, Tereza Cristina Albieri. **Políticas Públicas e Direitos Humanos. Gestão em Segurança Pública**. Fundação João Mangabeira. Brasília: 2008.

As explicações para o acontecimento de violências e de crimes não são fáceis, assim como não os são sua prevenção e repressão. Há uma grande diversidade de práticas criminosas, todas associadas a diferentes dinâmicas sociais, como por exemplo, os roubos praticados por adolescentes pobres, que vivem nas ruas cheirando cola, abandonados à própria sorte, sem o amor e o respeito de uma família; o varejo das drogas atrai facilmente a juventude ociosa e sem esperança – é muito fácil recrutar estes jovens quando se oferecem vantagens econômicas muito superiores às alternativas proporcionadas pelo mercado de trabalho (BARALDI, 2008, p. 392)²⁵.

Mas não é tão somente entre os jovens de periferia que a violência está presente. De acordo com Luiz Mitiko Camacho (2001, apud Paixão, 2008, p. 16)²⁶, ela se encontra também “entre jovens de classe média e de segmentos privilegiados da sociedade, nos seus diferentes espaços de atuação: na família, na escola ou na rua”.

Na concepção de Ana Ferreira (2008)²⁷, a violência urbana, tem ainda outra direção:

Entende-se por violência urbana todo o comportamento de agressão ou de transgressão de um conjunto de normas, valores, princípios, 'formas de pensar, sentir e agir', traços culturais, entre outros, que são impingidos desde a socialização primária e encontram-se contextualizados em determinada situação social alvorotada. A prática deste comportamento permite perceber à dinâmica das relações sociais enquadradas num tecido social conflitual. O último constitui e está inscrito em todos os campos da vida social: psíquico, físico, emocional, econômico, sexual, laboral, etc. De todo o modo, a violência urbana atinge quer a dimensão individual ou psychologizante quer a social ou sociologizante. Ambas se complementam no quadro que versam. Daí não existir formas isoladas de comportamentos alheios, ilegítimos e transgressores na dita 'sociedade civil' que compõem, explicam e compreendem o fenômeno da violência urbana, nem tão pouco ações de natureza atômica que afetam o todo social.

Conforme Pinheiro e Almeida (2003, apud Paixão, 2008, p. 16), a violência urbana “drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente dos mais

²⁵ BARALDI, *op. cit.*, 2008, p. 392.

²⁶ PAIXÃO, Divaneide Lira Lima. **Direitos Humanos e Adolescência no Contexto de uma Sociedade Violenta: Um Estudo de Representações Sociais**. Tese de Doutorado. Brasília, 2008. [S.p].

²⁷ FERREIRA, Ana. **Um Problema de Estado na Sociedade: Violência Urbana**. Disponível em: <<http://feministactual.wordpress.com/2008/03/06/um-problema-de-estado-na-sociedade-violencia-urbana>>. Acesso em: 30 mar. 2012.

jovens e pobres – dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior”²⁸.

A discussão sobre a violência urbana pode ainda ser ampliada. Ela ocorre na maioria das sociedades modernas. No entanto, as manifestações como as suas causas variam entre as sociedades. Assim, é errôneo acreditar que a violência urbana a que assistimos num determinado lugar seja apenas a transposição de situações de outro espaço (BODY-GENDROT, 2009, p. 5).

O autor Hugues Lagrange (2009) diz que o conceito de violência urbana implica consequências para além das suas vítimas diretas, passando não somente por parte dela, mas pelos testemunhos e informações que se recebe através da mídia e também empresas de seguranças que demonstram interesse no tema, sem acentuar a percepção geral da violência, uma vez que a segurança representa um mercado consequente.

Assim, cria-se uma situação paradoxal formando um sentimento de insegurança. No entanto, de acordo com Lagrange (2006), há quem diga que esse sentimento é o produto de fantasmas, ou apenas do medo que as pessoas sentem nas sociedades modernas.

Outra opinião sobre violência urbana é a de Wânia Pazinato Izumino e Cristina Neme (2002, p. 1)²⁹:

Nos últimos 20 anos, a problemática da violência tornou-se objeto de interesse e discussão de especialistas, formadores de opinião e da população em geral, ocupando lugar central em suas preocupações, conforme indicam as pesquisas de opinião. Além de indicar o medo crescente com que convivem a população dos centros urbanos, pesquisas estas que apontam para a existência de outro fenômeno: a baixa credibilidade das instituições de segurança e Justiça junto à população. Por um lado, a sociedade brasileira tem acompanhado o aumento da violência e da criminalidade; por outro, observa a ausência de respostas por parte das polícias e da Justiça, que se expressa no despreparo das forças policiais para o enfrentamento do crime e nas altas taxas de impunidade.

Outra é a opinião de Luiz Antonio Machado da Silva (2004)³⁰:

²⁸ PAIXÃO, *op. cit.*, 2008, [S.p].

²⁹ IZUMINO, Wânia Pazinato; NEME, Cristina. **Violência Urbana e Graves Violações de Direitos Humanos**. São Paulo: LTr, 2002.p. 1.

³⁰ SILVA, Luiz Antonio Machado. **Da Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Soc. estado. Brasília, v. 19, n. 1, jun. 2004 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922004000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jun. 2012.

[...] a representação da violência urbana [...] aponta para o crime comum, mas o foco de atenção é a força nele incrustada, a qual é definida como responsável pelo rompimento da 'normalidade' das rotinas cotidianas [...]. Esta é a razão pela qual violência urbana não é simples sinônimo de crime comum nem de violência em geral.

Para o autor, o entendimento de que a violência urbana é aquela que exige a verificação da ação policial para que o bem seja reestabelecido ou que as normas legais sejam cumpridas é apenas simbólico. Na verdade, ela é muito maior que isso. Trata-se, na verdade, de uma ordem social, a qual a população reage como um recurso contra a insegurança sentida cotidianamente.

Silva (2010)³¹ por outro estudo, diz que a violência urbana é “um conjunto de práticas que identificam uma ordem social, não é uma fantasia”.

Sendo assim, a solução para a violência urbana seria imputada ao Estado. A implementação de políticas públicas inteligentes com a capacidade de favorecer a cidadania plena de todas as pessoas. O problema é que o Estado mostra-se incapaz de incentivar um controle social ideal para conter o crescimento da violência urbana.

Pedro Rodolfo Bodê de Moraes; Joyce Kelly Pescarolo (2012)³² dizem que “a função do Estado é, ou deveria ser, proteger por meio de regulamentações diversas, os mais vulneráveis, criando condições de acesso a bens como trabalho, educação, saúde e justiça, processo este que tem sido chamado de Bem-estar Social”. Numa situação de bem estar, a sociedade, ela própria, exerce um autocontrole social, pois é uma sociedade coesa.

O Estado é incapaz também de garantir a segurança a todos os seus cidadãos. Silva (2010), afirma que as populações economicamente mais favorecidas, têm condições de se auto proteger, ou como diz o autor, de se isolar, já que eles também não dispõem da segurança pública. A população pobre, no entanto, fica sem a proteção pública e também sem condições de proteger a si mesma, entrando nas estatísticas de “comunidade violenta”.

³¹ SILVA, Luiz Antonio Machado da. **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Soc. estado., Brasília, v. 19, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922004000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jun. 2012.

³² MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de; PESCAROLO, Joyce K. **Quem tem Medo dos Jovens?**. Disponível em: <<http://www.naoviolenca.org.br/pdf/quemtemedodosjovens.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

A repressão à violência costuma se concentrar nos bairros periféricos e pobres, vistos pela força policial, como concentradores da violência, e assim, a questão toma o aspecto político. Assim, a superposição dos problemas de segurança com a pobreza, “acaba por concentrar o foco da política de segurança sobre os espaços físicos, mais do que sobre as práticas das categorias sociais que os ocupam”.

O fato dos bairros pobres serem os mais violentos não se explica pela pobreza, e sim pelo volume de pessoas que neles mora. Com mais habitantes é claro que as estatísticas também mostram maior concentração de crimes (SILVA, 2010)³³.

Estamos entendendo então que a violência é consequência do estabelecimento da ordem social que se apresenta, e não sua causa. Ocorre que a ordem social deveria ter como princípio, um tratamento igual para todos os seus cidadãos, assim como justiça para todos, independente do lugar em que habita.

Dessa maneira, “A violência [...] significa o emprego da força ou da dominação sem legitimidade [...]” (MISSE, 2002)³⁴. Em outras palavras, a classe pobre padece de legitimidade perante a sociedade como um todo.

Segundo Silva (2010), a forma como se comportam os políticos em relação à moral padrão induz à violência, pois eles se tornam espelho para a prática de crimes. Isso retrata a falta de legitimidade do Estado e a sua ineficácia para exercer o controle social. “As crianças precisam de modelos mais do que de críticos” diz Bruno Bettelheim (1988, p. 84)³⁵.

Para Silva (2010) há uma nova “luta de valores” entre os cidadãos, pois a nova ordem instituída, aquela em que o individualismo é o motor das relações sociais, incita ao crime. O individualismo tem mais força que a moral coletiva. São os interesses pessoais, ou como diz o autor os “desejos irrestritos e as paixões” que acabam por sobrepujar as referências coletivas, apresentando-se em formas de

³³ SILVA, Luiz Antônio Machado da. **"Violência urbana", segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual.** Cad. CRH, Salvador, v. 23, n. 59, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010349792010000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 04 jun. 2012.

³⁴ Misse, M **Violência: o que foi que aconteceu?** Disponível em: <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/1Violenciaoquefoiqueaconteceu.pd>>. Acesso em: 13 fev. 2010.

³⁵ SILVA, Damtom G. P. **CAOP da Criança e do Adolescente. Precarização, esvaziamento institucional e crises de autoridade.** Disponível em: <http://www2.mp.pr.gov.br/cpca/telas/ca_igualdade_38_4_5.php>. Acessado em: 13 fev. 2012.

crimes, modificando a cara da sociedade urbana. Isso ocorre também entre os jovens, como afirma Alba Zaluar, (1994, apud Adorno et al., 2012)³⁶ pois, para eles, “se traduz na valorização de bens como a arma e o fumo, o dinheiro no bolso, as roupas bonitinhas e a disposição para matar”.

O acesso a bens materiais é apontado por Michel Wiovorka (2004, apud Paixão, 2008) como responsável pela violência cometida por jovens, motivada pela frustração.

Moraes e Pescarolo (2012)³⁷ dizem que estamos vivendo:

[...] em uma sociedade com um déficit crônico de exemplos, com uma enorme inconsistência - pelo menos na percepção dos jovens - entre o que mundo adulto fala e o que ele faz. Parece que a tal ‘crise de valores’ que atinge os jovens tem sua gênese, na crise de valores que atinge o mundo adulto.

2.2. Sobre a Relação da Violência Urbana com a Pobreza

Misse, diz que não há relação entre pobreza e violência. Ele defende três teses possíveis. Na primeira ele é categórico em negar a relação entre pobreza e violência dizendo que “se a pobreza causasse o crime, a maioria dos pobres seria criminosa, e não é, portanto, a pobreza por si mesma não explicaria coisa alguma” (2010). O argumento é de que a atitude criminosa não é prerrogativa dos pobres. Ricos também cometem crimes, só que esses não vão para a cadeia e os pobres sim. Então, o que há é a seletividade dos condenados à prisão.

Outra tese é: “se a maioria dos presos é composta por pobres, pretos e desocupados é porque a polícia os associa com a criminalidade”. Então, o problema é com a polícia e não com os pobres, os pretos ou os desocupados das áreas urbanas. Uma terceira tese diz: “nas pesquisas os pobres declaram que não se identificam com qualquer carreira criminal” (MISSE, 1995).

Baraldi reafirma que mesmo diante da complexidade e dificuldade em se explicar a violência e a criminalidade, é possível perceber que pobreza e desigualdade são e não são condicionantes da criminalidade, dependendo do tipo

³⁶ ZALUAR, Alba. **Integração perversa: Pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro. FGV Editora, 2004, [S.p].

³⁷ MORAES, Pedro Rodolfo et al. **Quem tem Medo dos Jovens?**. Disponível em: <<http://www.naoviolencia.org.br/pdf/quemtemedodosjovens.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

de crime, do contexto intersubjetivo e das perspectivas culturais dos envolvidos e do analista criminal (2008, p. 381)³⁸.

Para Misse (1995), também não se sustenta a tese de que o aumento da criminalidade está associado às lutas de classes. Segundo o autor:

Os argumentos contra essa tese são baseados no fato de que a maioria das vítimas da criminalidade violenta é composta por pobres e de que o aumento da taxa de crimes violentos não corresponde aos períodos de crise econômica, que aumenta o desemprego e a informalidade.

No entanto, para comprovar definitivamente a tese de que não há relação entre pobreza e aumento da violência, seria necessária mais pesquisa que indicasse, por exemplo, a ação policial. Esta sim se reduz à parcela pobre da população. Nesse exemplo, o autor mostra que 95% dos presos são pobres. Mas onde estão os ricos que cometem crimes? Sendo assim, o que o autor parece mostrar é que a justiça só se faz quando o criminoso é pobre e aí residem as estatísticas de que a pobreza está relacionada à criminalidade.

No Estado do Paraná, mais especificamente, segundo Massabki (apud RAUBER, 2009, p. 10):

O que mais preocupa é a segurança pública e as estatísticas lamentáveis que colocam o Paraná entre os Estados que menos investem em políticas públicas de combate a criminalidade. A população deve ter conhecimento dos problemas relacionados à violência no Estado, e das ações realizadas pelas autoridades, principalmente da própria Secretaria de Estado da Segurança.

Em Curitiba a sensação de descrença na autoridade policial é traduzida pelos moradores de um dos locais mais violentos, a Vila Icaraí, ali, a autoridade é chamada de “Xerife”³⁹.

Na Vila Icaraí, o local mais humilde e violento do Bolsão Audi/União, o xerife faz o papel da polícia, contam os moradores. “Aqui tem mortes, coisas bárbaras, mas é bandido contra bandido: maloca contra maloca. No entanto, a gente não chama a polícia. Aqui quem resolve os problemas é o xerife – o patrão” (nome fictício).

³⁸ BARALDI, Tereza Cristina Albieri. Políticas Públicas e Direitos Humanos. **Gestão em Segurança Pública**. Módulo II, Aula 6. Fundação João Mangabeira. Brasília, 2008.

³⁹ BERTOTTI, João Natal; PERES, Aline. SEGURANÇA Pública. **Onde é arriscado viver em Curitiba**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=798615>. Acesso: 30 jan. 2012.

2.3 A Violência Urbana e o problema da Exclusão sócio espacial

Para Rauber (2009, p. 7)⁴⁰ a violência urbana está contida na questão da segregação sócio espacial:

O tema da segregação sócioespacial urbana merece destaque no início do século XXI pelo agravamento das mazelas sociais em todos os países do mundo globalizado. Os grupos sociais atingidos com maior intensidade geralmente são as camadas mais carentes que, quase sempre são confinadas em favelas, cortiços e bairros pobres, e sofrem com a constante escassez de água, falta de coleta de lixo, esgoto, deslizamento de encostas e transbordamentos de rios e córregos. Isso acontece, principalmente, porque o modelo de ocupação do espaço urbano reproduz o modelo excludente de desenvolvimento socioeconômico global. Nessa sociedade segregada, os elementos básicos para a sobrevivência como água potável, escola, moradia, hospitais e transporte são concebidos como fontes de lucros.

Embora o autor não tenha se pautado em um motivo da violência, genericamente pode-se entender em seu argumento que o aumento da pobreza faz aumentar também a violência urbana.

Segundo o autor, a segregação sócio espacial, nas últimas décadas, não é mais decorrência apenas dos agricultores que migram do campo para as cidades. Ela também decorre da baixa escolaridade, da baixa renda, atingindo especialmente mulheres e negros. O perfil da população mudou para os predominantemente nascidos nos grandes centros urbanos, pequenas famílias, “escolarizados” (semi-alfabetizados) e desempregados.

Portanto, a má distribuição de renda é um aspecto relevante nos espaços urbanos e relaciona-se com o fenômeno da violência:

No contexto globalizado tudo é considerado mercadoria que deve ser adquirida mediante a compra, gerando uma parcela de excluídos. De um lado, origina espaços urbanos informais, geralmente não mapeados, com infraestrutura precária e ocupados pela população de baixa renda, sem assistência dos órgãos públicos e por outro lado, os espaços urbanos formais, localizados em áreas mais centrais, com toda a infraestrutura necessária (RAUBER, 2009, p. 7)⁴¹.

⁴⁰ RAUBER, Francisco Antônio. **Segregação socioespacial e violência urbana**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1973-8.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

⁴¹ Ibid., 2009, p.7.

Sem conseguir identificação e valorização pelo trabalho, a população de jovens procuram outros caminhos, como o da violência, para ter poder de consumir.

A violência urbana também desenha o espaço da cidade, conforme vemos na citação abaixo:

O medo imaginário, fruto do real, não adquiriu, no entanto, as mesmas tonalidades dos bairros de classe média de São Paulo. Cá como lá, as pessoas pareceram mais isoladas dentro de suas casas e de suas famílias pelo medo da presença de quadrilhas violentas e pela incapacidade de enfrentar os novos riscos decorrentes da crise econômica e da inflação (RAUBER, 2009, p. 8)⁴².

Para Moraes (1983, p. 16)⁴³ o consumo faz as cidades e o excesso de consumo as desfaz. Os espaços das metrópoles estão literalmente tomados por uma noção comercial de vida.

Sobre esses espaços o autor explica que há uma política do espaço que nasce das necessidades mais humanamente primárias da coletividade. Uma dessas necessidades é o emprego.

A convulsão que a violência provoca, entre outras mazelas, está assombrando a sociedade do século XXI, distanciando-a do sonho de paz e felicidade.

Segundo Velloso (1994, p. 99)⁴⁴, tomando as estatísticas das maiores regiões metropolitanas como parâmetro, pode-se dizer que a pirâmide de idade no Brasil hoje é a de um país em guerra, com homens em falta criando um desequilíbrio entre os sexos. Não existem evidências ou simples indícios de que esta guerra, tal como expressa nas taxas de mortes violentas e homicídios, seja fruto da luta de classes.

⁴² RAUBER, Francisco Antônio. **Segregação Sócio-espacial e Violência Urbana**. Toledo, 2009.

⁴³ MORAIS, Regis de. **O que é Violência Urbana?** São Paulo: Brasiliense, 1983, [S.p].

⁴⁴ VELLOSO, R. P. João. **Governabilidade: Sistema Político e Violência Urbana**. Rio de Janeiro. José Olympio, 1994.

2.4 Violência Urbana na cidade de Curitiba

A cidade de Curitiba, como outras grandes cidades, também é palco de violência urbana, embora seja uma das poucas cidades brasileiras que teve um planejamento urbano mais globalizado⁴⁵.

O crescimento populacional da cidade é visível. Já em 1960 contava com 180 mil habitantes. Nos dias atuais, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Curitiba já ultrapassa um milhão e meio de habitantes.

A posição geográfica de Curitiba foi fator importante também para o MERCOSUL (SALLAS et al., 1999)⁴⁶:

A localização privilegiada de Curitiba frente ao MERCOSUL, a infraestrutura de que dispõe (transportes, comunicação, telefonia e energia) e a qualidade de vida de seus habitantes são os 'cartões de recomendação' enfatizados no sentido de habilitá-la ao salto de industrialização, configurando-a como segundo polo automotivo do país.

Todavia, esse polo ajudou a aumentar a violência urbana, a exemplo de cidades como Rio e São Paulo. Assim, em Curitiba, a violência urbana também ganha destaque, ao lado de outras questões, como explicado por Sallas et al. (1999, p. 48):

Analisando cada um dos itens que o compõe, verificamos que os indicadores de renda e de habitação são os mais altos, 'puxando' a posição desses municípios para cima. Os indicadores de saúde e de educação são os menos favoráveis, aqui e em todas as capitais, mostrando que as políticas sociais nesses dois campos ainda têm muito terreno a ser percorrido. Constata-se, a partir de tais indicadores, que [n]as grandes cidades [...] os benefícios ainda têm um peso muito grande na construção de índices positivos.

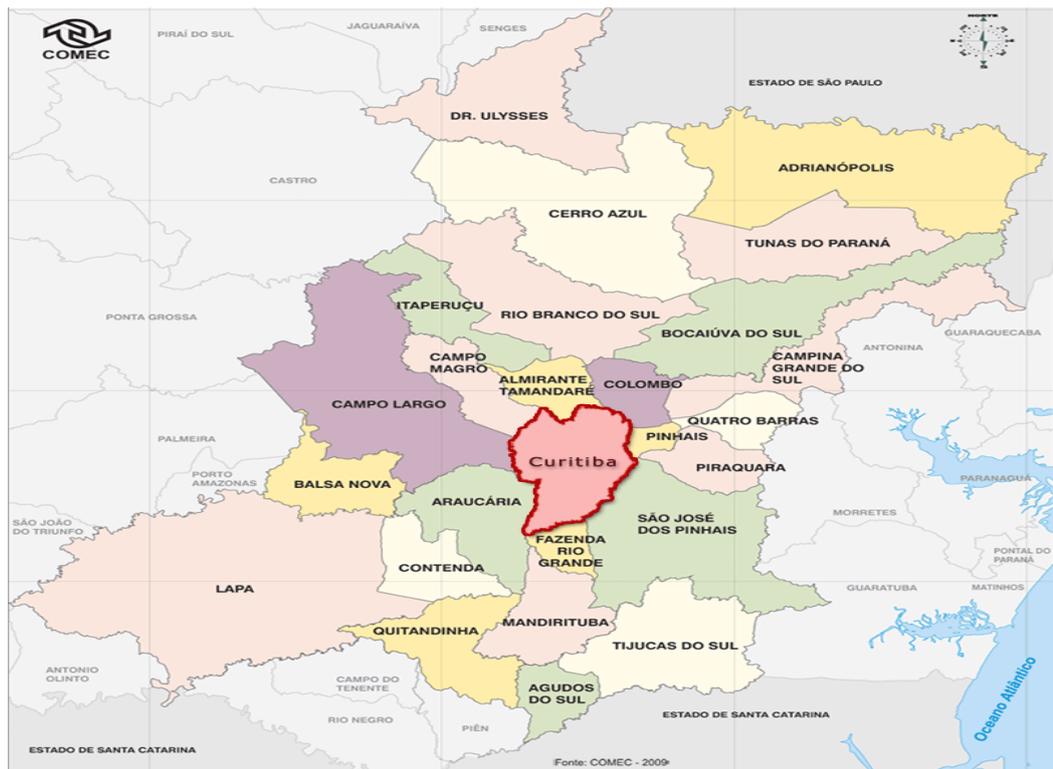
Com a população elevada e com infraestrutura deficiente, a cidade sofre com as desigualdades sociais. No entanto, a violência não se concentra apenas na cidade de Curitiba, mas expande-se também para a sua região metropolitana⁴⁷.

Figura 1 Mapa da Região Metropolitana de Curitiba - RMC

⁴⁵ SALLAS, Ana Luisa Fayet (coord.) **Os Jovens de Curitiba: Esperanças e Desencantos**. Brasília: UNESCO, 1999, [S.p].

⁴⁶ SALLAS, *op. cit.*, 1999, [S.p].

⁴⁷ SALLAS, Ana Luisa Fayet (coord.) **Os Jovens de Curitiba: Esperanças e Desencantos**. Brasília: UNESCO, 1999, [S.p].



Fonte: COMEC 2009 (editado)⁴⁸

3. O QUE DIZ A BIBLIOGRAFIA SOBRE AS “CAUSAS” DA VIOLÊNCIA

Durkheim (2001)⁴⁹ esclarece que há um meio somente de demonstrar que um fenômeno é a causa de outro:

[...] comparando os casos em que estão simultaneamente presentes ou ausentes, e procurar saber se as variações por eles apresentadas nessas diferentes combinações de circunstâncias testemunham que um depende do outro.

Paixão (2008)⁵⁰ mostra que jovens (entenda-se crianças e adolescentes) mantidos em unidades institucionais que cometeram delitos, apontam as injustiças contra seus direitos como responsáveis pela situação em que se encontram.

⁴⁸ COMEC 2009 (editado) . Disponível em: <<http://www.guiageo-parana.com/rmc.htm>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁴⁹ DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Marin Claret, 2001, p. 133.

⁵⁰ PAIXÃO, Divaneide Lira Lima. **Direitos Humanos e Adolescência no Contexto de uma Sociedade Violenta: Um Estudo de Representações Sociais**. Tese de Doutorado. Brasília, 2008. [S.p].

Um estudo feito na sociedade americana indicou cinco conjuntos de causas para a delinquência juvenil (DONZIGER, 1996; CSPV, 1994, apud ADORNO, BORDINI e LIMA, 1999)⁵¹:

- Influências individuais relacionadas à biografia pessoal, à inserção em grupos, ao desempenho de lideranças, ao emprego do tempo livre e à saúde mental;
- Influências familiares associadas, entre outros aspectos, aos conflitos entre pais e entre pais e filhos, ao suporte financeiro e à educação proporcionados por pais e parentes, à iniciação sexual e à gravidez precoces;
- Influências escolares que incluem não apenas inserção e participação regular nas atividades, como também em programas especiais, tais como os de prevenção ao consumo de drogas e álcool;
- Influências dos grupos de pares, particularmente inserção em gangues e quadrilhas tanto quanto menor participação em atividades desportivas, menor dedicação a trabalho voluntário, menor frequência a programas de mediação e resolução de conflitos;
- Influências da vida comunitária, inclusive presença em áreas 'isentas de aplicação sistemática de leis' como sejam zonas que sediam o tráfico de drogas, o contrabando de armas e o comércio de produtos roubados, a exploração da prostituição.

Com poucas diferenças, pode-se dizer que no Brasil, problemas como as questões raciais, conflitos familiares e tantos outros têm aumentado a violência entre os jovens. Adorno, Bordini e Lima (1999)⁵² indicam ainda como causa, o aumento do uso de arma tanto para a violência praticada por jovens como a sofrida por eles, o que, para os autores, pode-se incluir no processo de globalização, a globalização da violência, ao lado da globalização do mundo. Isso porque nos outros países constata-se o mesmo processo.

Pode se constatar ainda que nas grandes metrópoles, onde as injustiças e os afrontamentos são muito comuns, os desejos de vingança se materializam sob a forma de roubos e assaltos ou sob a forma de agressões e homicídios.

⁵¹ BORDINI, Adorno; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato S. de. **O Adolescente e as Mudanças na Criminalidade Urbana**. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down067.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁵² BORDINI, Adorno; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato S. de., *loc. Cit.*

3.1 O que diz a bibliografia sobre as “Consequências da violência

Violência não é só caso de polícia, mas também de saúde pública, física e mental, uma vez que atinge diretamente os indivíduos, suas famílias e a sociedade em geral.

Turci⁵³, ao realizar uma pesquisa na Universidade Federal de São Paulo sobre o aspecto da saúde, informa que uma importante doença decorrente da violência é a depressão. O autor entrevistou 800 pessoas em seis clínicas especializadas. Os resultados apresentados confirmam que a depressão atinge 30% dos pacientes do ambulatório; 18% das vítimas têm o transtorno do pânico. Vários pacientes têm duas ou até três doenças ao mesmo tempo (publicada no JORNAL HOJE, EM 5/7/2010).

Além de consequências sociais, cabe salientar ainda a consequência econômica que a violência urbana gera aos cofres públicos tanto públicos quanto privados. Na tentativa de amenizar os problemas dela resultantes, investimentos que poderiam ser aplicados em políticas de promoção do bem-estar social, acabam sendo “aplicados” em segurança (GOMES, 2011)⁵⁴.

⁵³ PESQUISA destaca **os efeitos da violência urbana nas vítimas**. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/07/pesquisa-destaca-os-efeitos-da-violencia-urbana-nas-vitimas.html>. Acesso em: 12 jan. 2011.

⁵⁴ GOMES, Caio César Santos. **A Face da Violência Urbana**. Disponível em: <http://meuartigo.brasile scola.com>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

4. OS JOVENS E A VIOLÊNCIA

Historicamente, percebe-se que as informações e as compreensões relativas à juventude tem se distinguido no espaço e no tempo, variando de uma cultura para outra. A compreensão do termo juventude e sua conceituação podem modificar-se dependendo do local onde se estuda o comportamento do jovem. De toda forma, entende-se que a juventude é um processo biológico, onde ocorre todo o desenvolvimento de conhecimento e a estruturação da personalidade.

Outro conceito de juventude seria uma classe sociológica, que determina toda a formação de sujeitos ao assumir o papel de adulto na sociedade. Portanto, o termo juventude não é consensual.

No Brasil, “adolescência e juventude são entendidas como sinônimas e, portanto, neste trabalho estão agrupados ambos os termos. Existe uma tendência de considerar a juventude como uma fase de rebelião, conflito e dificuldades. Apesar de a rebeldia qualificar o jovem, ela também representa uma fase das várias possibilidades para a vida” (Paixão, 2008)⁵⁵.

É uma fase passível de influências. Todavia, Castro e Abramovay (2002)⁵⁶ informam que “Afetam a geração dos jovens, o desencanto, as incertezas em relação ao futuro, o distanciamento em relação às instituições, a descrença na sua legitimidade e na política formal, além de resistência a autoritarismos e ‘adulocracia’”.

Para Sallas et al. (1999)⁵⁷, a juventude pode ainda ser interpretada no seguinte ponto de vista:

Ainda que saibamos que existiria um elemento biológico que participa de maneira fundamental na nossa percepção do que seria juventude, este não resolve em absoluto o que diz respeito a uma definição consensual em torno do tema. Ou seja, questões socioculturais e políticas parecem ser determinantes, muito mais que os processos biológicos e próprios daquele período. A discussão acadêmica e científica também varia, e aqueles

⁵⁵ PAIXÃO, Divaneide Lira Lima. **Direitos Humanos e Adolescência no Contexto de uma Sociedade Violenta: Um Estudo de Representações Sociais**. Tese de Doutorado. Brasília, 2008. [S.p].

⁵⁶ CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências**. Cad. Pesqui. no.116. São Paulo, July 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁵⁷ SALLAS, Ana Luisa Fayet (coord.) **Os Jovens de Curitiba: Esperanças e Desencantos**. Brasília: UNESCO, 1999, [S.p].

profissionais da área médica ou biológica dispõem de uma categorização, enquanto cientistas sociais de outra, muito embora pareça que as formulações feitas por estes últimos tenham dado o tom e influenciado de maneira significativa as percepções médicas e biológicas do fenômeno, De tal maneira que alguns autores, médicos, ao tratar do problema simplesmente não tocam nessa discussão de faixa etária e sim do problema da transformação bio-psicológica.

É também a fase do primeiro emprego. No entanto, segundo Castro e Abramovay (2002)⁵⁸, no Brasil, o jovem encontra dificuldades para a sua inserção no mercado de trabalho, pois lhe é exigida uma experiência que ainda não tem.

De acordo com Pedro Rodolfo Bodê de Moraes e Joyce Kelly Pescarolo (2012)⁵⁹ as políticas públicas voltadas ao jovem, costumam vê-lo como ameaça à sociedade.

Roseli Esquerdo Lopes et al.. (2008, p. 66)⁶⁰ observam que no Brasil “é notória a vulnerabilidade em que se encontra a adolescência e os jovens, ocupando o imaginário social nas condições de vítima e, fortemente, de vitimizador”.

Geralmente é nessa fase da vida que aparece o vício. Segundo um estudo feito por Zaluar (apud PAIXÃO, 2008, p.95) “a participação em grupos organizados de tráfico de drogas possibilita aos [...] jovens demonstrar que tem força e agressividade, ao passo que adquirem uma espécie de passaporte para a aceitação social”. Soma-se, portanto, outro aspecto – o da aceitação social.

Para Sérgio Adorno et al. (1999)⁶¹ “os jovens não são nem mais nem menos violentos do que o comportamento agressivo da população em geral”.

Todavia, precisam de modelos. Quando seus lares se caracterizam como violentos, eles perdem a autoestima e ficam inseguros, como relatam Castro e Abramovay (2002)⁶². Com modelos violentos, inseguros e sem autoestima fica mais fácil partir para a prática da violência.

Mesmo no aparato institucional a prática de violência existe. Na pesquisa feita pelos citados autores, os jovens vêm a própria polícia como bandidos, pois

⁵⁸ CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam., *loc. cit.*.

⁵⁹ LOPES, Roseli Esquerdo et al. **Juventude pobre, violência e cidadania**. Saúde soc., São Paulo, v. 17, n. 3, 63-73, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jun. 2012.

⁶⁰ LOPES, Roseli Esquerdo et al.. **Juventude pobre**., *loc. cit.*

⁶¹ ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de. **O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana Disponível** em:<<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400007>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁶² ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de., *loc. cit.*

grande parte deles já sofreu algum tipo de maltrato vindo de policiais. Assim “a violência policial é um indutor, ou produtor, de sujeitos violentos, tornando os jovens, pela revolta, agentes de violência” (2002)⁶³.

4.1 Como a violência é percebida pelos jovens

Dentro dos propósitos deste estudo foram investigadas as percepções dos jovens sobre Curitiba; como se inserem no espaço físico territorial, os aspectos que mais gostam e os que detestam, sua opinião sobre a oferta de serviços públicos e sobre a ação do planejamento urbano. Utiliza-se para tanto os estudos de Sallas et al. (1999)⁶⁴.

Em pesquisa com grupos focais, realizada pela autora e seus colegas, dirigida jovens, pais, professores, policiais e mídia, o gostar da cidade é evidente, mas permite gradações e manifestações desse sentimento. Pode-se verificar recorrência nas falas dos jovens, como as seguintes: “Curitiba é massa”, “Eu não troco por Nada” (escola pública/misto/manhã). // “Eu, particularmente, adoro esta cidade, principalmente por causa de infraestrutura” (escola particular/meninos/manhã).

Segundo Sallas (1999)⁶⁵ o gostar da cidade, e em especial de alguns de seus aspectos, ganha maior densidade nas falas dos jovens não naturais da cidade, que trazem na sua bagagem a vivência em outra cidade, mas essa densidade também deve ser atenuada, porque migrar, em geral, significa buscar novas possibilidades, o que leva a uma leitura afirmativa sobre o novo local de residência.

Essa leitura positiva é compartilhada por jovens de escolas públicas e privadas, dos vários turnos, bem como por jovens em situação de risco. Para este último grupo, embora façam o tempo todo a relação cidade/drogas, cidade/violência, vêm-na, de maneira geral, como bom lugar para se morar. É em um grupo de meninas nessa condição que temos a seguinte opinião sobre a cidade:’

[...] eu acho que tem mais rapazes bonitos, gostosos, tem bastante shows, tem bastante eventos aqui em Curitiba, os shopping são bonitos, os shopping aqui são bons [...] tem bastante flores, por que aqui é cidade

⁶³ ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de., loc. Cit.

⁶⁴ SALLAS, Ana Luisa Fayet (coord.) **Os Jovens de Curitiba: Esperanças e Desencantos**. Brasília: UNESCO, 1999, [S.p].

⁶⁵ SALLAS, op. cit., 1999, [S.p].

ecológica [..]”. (jovens em situação de risco/meninas) (SALLAS et al., 1999).

Os jovens entrevistados, em sua maioria, de escolas públicas e privadas de Curitiba, gostam da cidade onde vivem e acham o lugar bom em qualidade de vida, mesmo que eles estejam em situação de risco.

Outra questão, talvez uma das mais importantes, é a que diz respeito às percepções sobre uma cidade, local de nascimento e de vivência, para uma população constituída por adolescentes. Independente de cor ou condição social. Que tipo de experiência eles têm para julgar uma cidade? Elas se referem ao lugar onde nasceram e onde viveram as experiências da infância.

O que se constata é que os jovens residentes em Curitiba, independente da cor, gostam de viver na cidade. Acredita-se que seja por causa do *marketing*, resultado da propaganda que durou praticamente três décadas a favor da cidade, divulgado em nível nacional, e, que, os jovens tenham apoderado desta ideia.

A problematização introduzida aqui, diz respeito menos ao grupo majoritário que assume como seu tal discurso, e mais aos grupos de resistência e de recusas que se apresentam quando ao jovem foi perguntado o que ele detesta na cidade. O desgostoso destaca a violência, com 22,6% das respostas. As respostas foram englobadas desta maneira: ação criminal (bandidos, assaltantes, e congêneres) violência (genérico); violência no futebol; violência devido às drogas; violência devido às gangues e ao vandalismo (SALLAS et al., 1999)⁶⁶.

Apesar de gostar da cidade, os jovens dizem:

[...] preferir, por exemplo, cidades menores em função de o trânsito ser melhor, de haver menos violência, de se poder andar sossegado pelas ruas, ou então deixar uma bolsa em cima de uma mesa enquanto se dança em uma festa. (1999)⁶⁷.

Depois de tudo, pode-se inferir que o que mais determina o não gostar da cidade é a violência: “Nos vários estratos socioeconômicos a violência é a razão do ‘menos gostar’ de Curitiba, em relação inversamente proporcional à posse de bens”. Para os autores, Curitiba tem arcado com um preço pelo seu crescimento.

⁶⁶ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁶⁷ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. Cit.*

Há outras indicações de que a cidade está pagando um alto preço, a do aumento da violência, pelo seu processo de urbanização e crescimento, evidenciando um sentimento ambíguo com relação a isso. Ora é algo inevitável, ora deveria ser contido de forma a preservar uma qualidade de vida cada vez menos garantida, ora depende de cada um e dos lugares que se frequênta (SALLAS, 1999)⁶⁸.

Aqui, se você comparar com São Paulo rola umas pancadarias massa. Está se expandindo, está ficando violento para tudo quanto é canto. Urbanização, né meu! Os caras vão ficando pirado já. (torcida organizada/misto) // Depende de onde você vai. Se você for num 1250 ou numa Sunset, lógico [...] que você vai encontrar maloqueiro. Lá é lugar onde só da ralé, só dá gente de vila, onde só dá tigre. (escola pública/misto/manhã).

Eu moro em Curitiba desde que nasci, [...] acho que a população aumentou muito, os carros também, acho que isso agora é que está começando a prejudicar, o centro fica meio poluído, as ruas já estão mais sujas, acho que há violência, acho que uma coisa é consequência da outra (escola particular/meninas manhã) (SALLAS et al., 1999)⁶⁹.

Os jovens entrevistados acreditam que nos últimos anos, Curitiba sofreu uma alteração significativa, seja pelo aumento da população, pelo volume maior de carros, ou pela falta de infraestrutura nos bairros periféricos, o que causa certa discriminação da parte desses jovens.

Segundo os autores da pesquisa, os jovens que moram na periferia têm mais contato com a polícia por algum motivo. “Os jovens mais pobres, são os que mais mencionam a ação policial, como o que detestam na cidade, com 8,5% das respostas deste estrato socioeconômico”.

Reforçando essa ação mais ‘presente’ da polícia junto à população negra, em escolas de periferia, no turno noturno, há uma clara referência à violência da polícia contra os negros. De maneira geral, nos grupos focais as referências à ação da polícia aparecem ligadas a outros temas, como a escola, lazer, família ou avaliação das instituições. Mas, ao falar das práticas policiais, um jovem negro faz

⁶⁸ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. Cit.*

⁶⁹ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. juventude, violência e cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

uma revelação esclarecedora para que possamos entender ‘o agir cotidiano’ dos policiais quando se defrontam com a população negra, tratando a como marginal (SALLAS et al., 1999)⁷⁰.

Essa afirmação comprova a tese de Oliveira, isto é, que realmente a ação policial está mais presente na população de menor renda e de cor negra, sendo a cor um fator discriminante. Nesse mesmo sentido, Elaine Ferreira do Nascimento et al. (2009)⁷¹, dizem que a combinação das desigualdades sociais com a discriminação da pobreza produz o que eles chamam de “polarização da metrópole”. Pelos relatos da pesquisa aqui enfocada. Curitiba não foge à regra.

Se as ações violentas da polícia ou sua omissão como serviço público de segurança aos cidadãos não são motivos muito significativos para que os jovens negros a vejam como o que mais detestam na cidade, essa fala, pela sua contundência, mostra como é viver num espaço territorial que dissimula o preconceito, levando muitas vezes a que ele seja interiorizado. Ao ser interiorizado, reforçara a construção de uma identidade pautada no princípio de baixa autoestima, que reforçará a visão de que lugares inferiores ou de segunda classe são ‘normais’ para os ‘cidadãos de cor’. Isso só se reverte pelo processo de tomada de consciência da raça (SALLAS et al., 1999)⁷².

Sabe-se que preconceitos podem influenciar o ambiente, qualquer que seja ele, produzindo conflitos. Segundo Adorno, Bordini e Lima (1999)⁷³, um fato isolado, veiculado pela mídia, é suficiente para transformar, via preconceito, todos os jovens em delinquentes: “Fatos desta ordem têm a propriedade de reforçar apreensões coletivas e conseqüentemente acentuar preconceitos contra esses segmentos da população urbana”. Todavia, a mídia deveria acrescentar que os jovens podem sim, ser violentos, mas que grande parcela deles é também vítima dessa violência.

⁷⁰ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. Cit.*

⁷¹ NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. **Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232009000400021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 de maio de 2012.

⁷² SALLAS, Ana Luisa Fayet et al. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. juventude, violência e cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁷³ ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de. **O Adolescente e as Mudanças na Criminalidade Urbana.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400007>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

Uma pesquisa realizada por Mary Garcia Castro et al. (2002)⁷⁴ constatou que os jovens percebem a discriminação: “por serem jovens, pelo fato de morarem em periferias ou favelas, pela sua aparência física, pela maneira como se vestem, pela dificuldade em encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem em escolas de outros bairros”.

Segundo os entrevistados na pesquisa de Sallas, a violência urbana na cidade de Curitiba é em decorrência das desigualdades sociais, bem como das questões econômicas das pessoas que vivem nos bairros considerados periféricos. Todavia, além da questão socioeconômica que faz com que os jovens de Curitiba sejam alvos de violência, outros motivos existem como as drogas, a falta de estrutura familiar ou opções saudáveis de vida.

No centro da cidade isso é menos visível. No entanto, a partir do momento em que se distancia do centro da cidade, a situação com relação à violência urbana fica mais aparente. Há falta de policiamento, jovens usando drogas são inúmeros, sem contar que as praças de bairros passam a ser ponto de uso e venda de drogas e, às vezes, aparece apenas a guarda municipal.

Outro aspecto é ainda considerado por Sallas *et al.*:

Curitiba é uma cidade que teve um crescimento acentuado nos últimos tempos e uma diversidade cultural muito grande. Os nossos adolescentes se ressentem muito dessa dificuldade, primeiro: de diversão, não é só de sair, mais uma dificuldade de criar uma identidade com a cidade, porque a cidade de Curitiba é uma cidade artificial; todos os grandes elementos de visitação pública são artificiais. Isso causa um impacto muito grande no adolescente, que está formando uma identidade própria, identidade com a cidade, e parte da constituição da sua própria identidade, então essa barreira é quase intransponível para o nosso adolescente'. (professor-escola particular) (SALLAS et al., 1999)⁷⁵.

Como a identidade do jovem ainda não está formada, provavelmente ele é mais suscetível de ser atingido pela violência ou ser dela participante. A pesquisa realizada por Sallas et al. (1999)⁷⁶ mostra que a artificialidade da cidade dificulta a produção de uma identidade. “Além da dimensão cultural a ser enfrentada, a

⁷⁴ CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências.** Cad. Pesqui. no.116. São Paulo, July 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁷⁵ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al.. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁷⁶ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc.cit.*

questão financeira emerge de novo, mostrando um lado pouco discutido da cidade, que é o acesso aos serviços e equipamentos de lazer”.

De acordo com Castro e Abramovay (2002)⁷⁷ o lazer pode se associar como “antídoto contra violências”.

A promoção do lazer, principalmente o cultural, promove a valorização de outras dimensões sociais: o aproveitamento do tempo para o desenvolvimento pessoal e, via de consequência social, por meio do fomento das atividades de conhecimento (bibliotecas, teatros, museus, cursos multidisciplinares e integrados pelas diversas classes sociais) voltadas aos problemas sociais contemporâneos, como a violência urbana.

Por mais que haja resistência por parte da sociedade, o preconceito contra a escola pública permanece. Todavia, esse é um preconceito tutelado pela própria sociedade, resistindo às gerações que se sucedem. Assim, a escola, um espaço público que faz parte da sociedade, segundo a percepção dos jovens entrevistados, é onde há maior quantidade de jovens reunidos e, por conseguinte, onde a violência urbana é um fato. A fala seguinte é mais uma demonstração desse fato:

A escola pública virou um lixo, porque as quadrilhas se formam em torno da escola, tráfico de drogas. Todo mundo sabe disso. Atiram nas pessoas... e ainda vêm os pedagogos, o pessoal do Conselho Estadual de Educação, a dizer que o professor não pode tirar o aluno da sala. Quer dizer, se basear num conceito puro de pedagogia, da motivação do aluno/professor não pode fugir, deserta da sua responsabilidade. (pai de aluno de escola particular) (SALLAS et al., 1999)⁷⁸.

Alex Niche Teixeira ao comenta que o produto do jornalismo é “em graus variáveis, orientado pela ideia que se tem do público a que se destina”. Neste caso, a sociedade gosta do sensacionalismo e, em se tratando das camadas mais pobres, o sensacionalismo já virou lugar comum. Ainda segundo o autor, assuntos como a violência são suficientes para chamar a atenção do telespectador (2002)⁷⁹.

Segundo Sallas et al.:

⁷⁷ CASTRO, Mary Garcia et al.. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências**. Cad. Pesqui. no.116. São Paulo, July 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁷⁸ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al.. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁷⁹ TEIXEIRA, Alex Niche. **A Especularização do Crime Violento pela Televisão**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Porto Alegre, 2002.

[...] há uma banalização da violência na cidade, enxergando-a como componente da própria cultura urbana, mas reiteram a influência e responsabilidade da mídia. 'A banalização da violência é uma consequência de todo esse processo de torpedeamento que nós recebemos diariamente pela televisão. Nós achamos isso aí normal, a violência, e de repente isso entra na nossa casa, introjeta e, todos nós vamos ter que... preparar nossos filhos pras lutas marciais e nós ao invés de usarmos alguma coisa contra a violência... os filhos(?)... que são a família, a escola' (pai de aluno de escola particular)(1999)⁸⁰.

Enfim, o preconceito estabelecido na organização social contra a pobreza é tão grande que a própria pessoa, mesmo morando numa região mais pobre, talvez por já ter tido esse preconceito, começa a sentir a violência como de origem do lugar e não da ordem social.

Há preconceito também pelo simples fato de ser jovem. No dizer de Pedro Rodolfo Bodê de Moraes et al. (2012)⁸¹ os adultos, incluindo-se aí os professores, “tomam o comportamento questionador em seus diferentes níveis, ou seja, desde um comentário jocoso até uma explosão de raiva, como um ataque a sua inatacável autoridade e tendem a responder de maneira autoritária”.

Segundo os autores, no Paraná existem até uma “patrulha escolar” com policiais militares chamados para resolver conflitos e problemas que deveriam ser resolvidos pela autoridade escolar.

⁸⁰ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. cit...*

⁸¹ MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de et al.. **Quem tem medo dos jovens?**.Disponível em: <<http://www.naoviolenca.org.br/pdf/quemtemedodosjovens.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

5. MEDIDAS DE COMBATE E PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA URBANA

Adorno, Bordini e Lima afirmam que a primeira recomendação dos organismos de defesa da juventude no combate e prevenção da violência urbana, em geral, é a da utilização de mecanismos de proteção, tais como, Estatuto da Criança e do Adolescente somados à investimentos em recursos humanos especializados, voltados para a juventude (1999)⁸².

Uma medida que se considera eficaz para o combate da violência urbana, em qualquer cidade, é o diálogo entre as pessoas. No relacionamento entre os pais, educadores, ou qualquer outra pessoa que seja exemplo ou autoridade para o jovem, deve-se ter um bom diálogo.

Ainda, utilizando a pesquisa de Sallas:

[...] em meio ao círculo vicioso das culpas pelo fracasso escolar, pela crise de valores e da família, pela explosão da violência no cotidiano, os jovens tendem a valorizar a família de modo preponderante, mostrando-se aqui tradicionais na medida em que tem ainda na família a possibilidade de um refúgio seguro (1999)⁸³.

A atenção está centrada na família, entendida e percebida a partir do seu ambiente físico e social, o que vem possibilitando uma compreensão ampliada do processo da violência da necessidade de melhoria das políticas que vão além de práticas educativas.

Na escola e na família o diálogo atua como prevenção da violência urbana. “Os jovens dizem ter uma relação muito boa (26,0%) e boa (47,4%) com outras pessoas de sua família (que podem eventualmente morar com eles). Essas pessoas são basicamente avós, tias e tios e outros agregados próximos ao núcleo familiar central”(SALLAS et al., 1999)⁸⁴. Portanto, se estas pessoas que moram com os jovens mantiverem um bom relacionamento entre si, a questão da violência urbana pode melhorar.

⁸² ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de. **O Adolescente e as Mudanças na Criminalidade Urbana**. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400007>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁸³ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al.. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁸⁴ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al.. **OS JOVENS de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

O diálogo é usado não apenas como uma estratégia de “convencimento”, mas na busca conjunta de superação dos limites dos problemas, situando-se como uma forma eficaz de comunicação, mediante troca de informações e valores, pelo qual espera compartilhar o respeito humano.

Sallas diz em sua pesquisa que a constituição familiar por afinidade ou consanguinidade é um fator essencial. Como esse grupo apresenta certa mobilidade (avós que foram morar ‘*por um tempo*’ com os netos, por exemplo), e tipo de constituição que não se define prioritariamente pelo princípio de consanguinidade, mas também por afinidades, nessa categoria encontra-se um foco relativamente apaziguado na dinâmica das relações familiares. (1999)⁸⁵

Deve-se considerar que esse grupo permanece a maior parte do dia em comunicação, e, sendo assim, o diálogo com os seus integrantes tem um peso significativo. No entanto, o resultado depende sobremaneira da condução desse diálogo, pois pode constituir-se em relações de plena efervescência ou de total superficialidade.

Sobre a educação e o diálogo, a pesquisa dos autores indicou (SALLAS et al., 1999)⁸⁶:

[...] eu sempre tive uma educação severa. Na parte da educação, aquela educação limite[...] foi legal. Mas a minha família nunca teve um diálogo aberto. Mas nunca teve assim... diálogo sobre nada. Nem sobre futebol a gente conversa. Por exemplo, quando eu preciso alguma coisa do meu pai eu chego e converso com ele, passamos um pelo outro naturalmente, mas não há diálogo. Os diálogos necessários(escola pública/jovens negros/menino/noite).

Nessa fala, percebe-se que a falta de diálogo acontece com frequência nos lares curitibanos. Na verdade eles costumam ser muito comuns entre colegas, mas não entre pais e filhos. Os temas que os jovens discutem com seus pais referem-se, em primeiro lugar, ao futuro profissional, seguido pelo relacionamento na família; escola e problemas familiares; problemas econômicos; relação com amigos; religião; esportes; drogas; namoro; sexualidade e, por último a política (SALLAS et al., 1999)⁸⁷.

⁸⁵ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. cit.*

⁸⁶ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. cit.*

⁸⁷ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al. **OS JOVENS de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

Todavia, é um diálogo que parte inteiramente dos pais, situação diferente e complementar àquela em que os filhos os procuram para ajudar a resolver seus problemas. Na falta de diálogo entre pais e filhos, esses pesquisadores dizem o seguinte: “A ausência de convivência com os pais é apontada como um fator negativo na relação familiar de todos os jovens sejam ricos ou pobres, o que provoca um diferencial qualitativo no tipo de relação que acabam estabelecendo entre si” (SALLAS et al., 1999)⁸⁸.

Não há espontaneidade nas relações familiares, pois se percebe ainda a falta de respeito ao dialogar, ou seja, a conversa informal entre integrantes da família pode gerar discussões, o que pode ainda ser motivo de violência.

Uma das razões atribuídas pelos jovens para a existência de uma relação familiar ruim é a divergência de opiniões, ao que é considerado certo pelos pais e errado para os filhos ‘o que pra mim é errado pra eles é quando a gente começa a discutir’. Além dessa divergência, um dado decisivo para a existência de uma boa relação familiar é a confiança que os pais depositam nos filhos. Quando existe o diálogo, as relações são de cooperação (SALLAS et al., 1999)⁸⁹.

Ainda se referindo à família, aponta a pesquisa:

A família é instituto de tudo, se é uma família, por exemplo, que não tenha atenção, não tenha carinho dos meus pais, eu to completamente jogada no mundo, eu tenho que chamar a atenção de alguma forma... mostrar que eu existo... e os amigos também influem bastante nisso, né?// ‘É eles assim, tipo, eles não me proíbem de fazer as coisas, eles me ensinam ‘isso é certo isso é errado’, é assim não é?Eu acho que eu devo ver que eu quero fazer né? O que eu sei o que é certo o que é errado eles me ensinaram, mas não me proíbem. Ou então eles me ensinaram e eu faço o que eu acho que eu devo fazer’// ‘É verdade, e meus pais não me proíbem assim... fazer o que eu quiser. Porque se for pra fazer, o adolescente faz. Ele dá um jeito e faz, em qualquer lugar’ (escola particular/misto/manhã) (SALLAS et al., 1999)⁹⁰.

Normalmente, os adolescentes não têm interesse em seguir os conselhos dos pais. O diálogo em família, porém, possibilita discussões sobre antigos e atuais temas. “Para os jovens, embora no tempo de seus pais também houvesse as drogas e a violência, antigamente, as drogas existiam, mas ao como hoje, existia

⁸⁸ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., loc. cit..

⁸⁹ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., loc. cit..

⁹⁰ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., loc. cit..

pouco, assim” (escola pública/meninos /manhã) (SALLAS et al., 1999)⁹¹. Essa fala consolida o problema das drogas, exaustivamente citado neste texto.

A “violência pode ser evitada, pelo diálogo e pela harmonia entre os familiares” (SALLAS, 1999)⁹². A troca de experiências, facilitada com o diálogo pode funcionar como instrumento para estabelecer (ou restabelecer) a harmonia nos lares.

Com “o tempo a violência vai evoluindo também” (escola pública/meninos/noite). Na fala de alguns jovens, a vida na cidade é que causa essas mudanças, pois “antigamente, no campo, a vida era mais fácil, as famílias mais unidas, a maioria dos pais morava em lugar diferente, você vivia ali, cada um tinha um sítio, vivia naquele círculo ali” (escola, pública/meninos/manhã) (SALLAS, 1999)⁹³.

A família é uma instituição conservadora, cujos ensinamentos são repassados de geração em geração. Pode-se perceber isso nessa fala, pela palavra “antigamente”. Infere-se que os pais passaram esse tipo de pensamento ao filho/a, que o trouxe para a cidade, conservando-o. Ele não vê que outros são os motivos da violência na área urbana, como a falta de políticas públicas. É evidente que no campo, onde a população é restrita, a violência é menor.

Outro fator que pode amenizar a violência e que gera certa polêmica é a questão do jovem trabalhar com menos idade. A existência de maior liberdade para os jovens, os adolescentes dos estratos mais baixos destacam que, para ter acesso a essas facilidades da vida moderna, precisam começar a trabalhar desde cedo, sendo incentivados pelos próprios pais, pois, segundo eles, é preciso trabalhar para ter dinheiro para comprar o que se deseja (SALLAS, 1999)⁹⁴.

O indivíduo adulto necessita trabalhar, seja para obter o seu próprio sustento e o da família. Mas os indivíduos jovens não têm necessidade de sustentar a família, mas de ajudar a sustentá-la. Além disso, para ter as coisas apregoadas pela mídia, eles precisam de dinheiro, o que se consegue pelo trabalho. Diferente disso se consegue dinheiro pela violência (roubo, sequestro).

⁹¹ SALLAS, ANA Luisa Fayet et al.. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁹² SALLAS, ANA Luisa Fayet et al., loc. cit.

⁹³ SALLAS, ANA Luisa Fayet et al., loc. cit

⁹⁴ SALLAS, ANA Luisa Fayet et al., loc. cit

Uma forma de combater a violência urbana pode ainda ser caracterizada pela não violência familiar. Embora a violência na família constitua tema tabu em nossa sociedade, a pesquisa pôde retratar como o universo familiar dos jovens é permeado de ‘pequenas’ e ‘grandes’ violência em seu cotidiano, introjetando-se a ideia de que castigos físicos, maus-tratos, agressões verbais ou físicas são ‘normais’ (SALLAS, 1999)⁹⁵.

Se a violência urbana origina-se também da violência familiar, ela pode ser combatida, pois já existem leis para isso, como o Estatuto da Criança e do Adolescente que tenta protegê-los dos perigos a que estão submetidos. Todavia, os pequenos castigos que se caracterizam como violência costumam ser uma herança cultural, entendidos como necessários à educação dos filhos. Segundo Moraes e Pescarolo (2012) isso representa a continuidade de padrões herdados dos tempos da escravidão.

Numa das entrevistas realizadas por Sallas et al.. (1999)⁹⁶, o entrevistado enfatiza bem a ausência de diálogo e a violência familiar como um passo para a violência urbana:

Eu acho que a violência que eu sofri dentro de casa foi maior, pelo fato de meu pai ter feito da minha mãe um saco de pancada, ele não conversa, primeiro ele já sai gritando. A minha mãe, enfezada, gritava junto... e, muitas vezes, eu e a minha irmã a gente se escondia embaixo da cama...eu pulava no pescoço do meu pai, com faquinha de plástico, pra matá-lo, porque ele tava batendo na minha mãe...arma rolava dentro de casa, tipo, meu pai apontava a arma pra minha mãe, agente, criança, vendo tudo [...] ele me espancou...eu já falei pra ele que se ele levantar a mão pra mim...ele vai direto na delegacia da mulher(jovens universitários).

Há pais que acham que seus filhos são meros objetos, incapazes de pensar. De acordo com Moraes e Pescarolo (2012)⁹⁷, as pessoas vêem os jovens como “incapazes e, por isso, vulneráveis”. Todavia, quando há diálogo eles descobrem o poder de raciocínio de seus filhos, podendo evitar a violência. Se isso ocorrer, a violência urbana sofrerá diminuição em seus índices.

⁹⁵ SALLAS, ANA Luisa Fayet et al.. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

⁹⁶ SALLAS, ANA Luisa Fayet et al., *loc. cit.*

⁹⁷ MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de et al. **Quem tem medo dos jovens?**. Disponível em: <http://www.naoviolenca.org.br/pdf/quemtemedodosjovens.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

Outro ponto que se pode ter como partida para combater a violência urbana é o limite. O limite é onde começa a liberdade do outro e onde termina a de cada um. É o respeito à individualidade. A ausência de limite pode parecer para o jovem, falta de afeto ou de amparo social em algum momento.

Todo mundo tem necessidade de respeito à sua individualidade, mas todo mundo deve saber até onde chegar para não ferir a individualidade do outro. Sobre este assunto, Silva (2010)⁹⁸ entende que o outro é o perigoso, aquele que se deve ter medo. Se todos respeitassem a individualidade um do outro, esse problema não existiria e, quem sabe, diminuiria a violência.

No entanto, é preciso ter autoridade para impor limites. Nesse sentido, Sennett (apud MORAES e PESCAROLO, 2012)⁹⁹ diz que autoridade é “alguém que tem força e a usa para guiar os outros, disciplinando-os e modificando seu modo de agir, através da referência de um padrão superior”.

De acordo com Paixão (2008)¹⁰⁰ é preciso afetividade para controlar a violência. Para a autora a afetividade constitui um dos aspectos mais fundamentais da vida humana. Ela é o elemento mediador primordial das relações humanas.

Segundo Dorothy Gomes Carneiro et al. (1983)¹⁰¹ a afetividade é um dos atributos mais importantes do ser humano e é descrita por eles como um fenômeno psíquico que compreende as emoções em geral, sendo a base de estruturação da conduta e das reações dos indivíduos. Ela domina o indivíduo desde a esfera instintiva até a sensibilidade corporal aonde são originadas as sensações de prazer e de dor, que correspondem às sensações de agradável e desagradável. A ausência de afetividade pode conduzir a jovem ao crime.

⁹⁸ SILVA, Luiz Antonio Machado. **Da Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Soc. estado., Brasília, v. 19, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922004000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jun. 2012.

⁹⁹ MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de et al., *loc. cit.*

¹⁰⁰ PAIXÃO, Divaneide Lira Lima. **Direitos Humanos e Adolescência no Contexto de uma Sociedade Violenta: Um Estudo de Representações Sociais**. Tese de Doutorado. Brasília, 2008. [S.p].

¹⁰¹ CARNEIRO, Dorothy Gomes; LUCK, Heloísa. **Desenvolvimento Afetivo na Escola: Promoção, Medida e Avaliação**. Petrópolis: Vozes, 1983.

6. A COMUNICAÇÃO E O COMBATE À VIOLÊNCIA

A mídia, de uma forma geral, pode também colaborar para que o jovem seja consciente de seu papel de cidadão e não fomenta a violência urbana. O mesmo se pode dizer dos profissionais da educação que, em geral, podem auxiliar com medidas preventivas no combate a violência urbana entre os jovens, dando espaço para maior participação dos pais na escola, debates abertos à comunidade para explicar a importância da tolerância. De acordo com Moraes e Pescarolo a responsabilidade pela formação do jovem é de toda a sociedade.

Afirma Carlos Nepomuceno et al., que as rádios, a Televisão e a Internet também podem agir para conter a violência entre os jovens.

Quando as rádios comunitárias se tornam importante realidade social, em 1995-1996, obrigando os poderes e as instituições a encará-las, o advento da internet já anuncia grandes mudanças o início do colapso da indústria fonográfica (e do 'jabá'), de amplas áreas da indústria radiofônica e da publicidade. Paralelamente, vão entrar em colapso diversas formas de pensar, sentir e agir nas relações cotidianas, em casa, no trabalho e nas ruas, na cultura e na política (NEPOMUCENO,2007)¹⁰².

Os jovens tornam-se alvo de novos mecanismos de poder. Um deles é representado pelas drogas. Nesse aspecto, a mídia parece agir contra, pois as notícias mostram que fulano de tal, chefe do tráfico de tal lugar, mora numa mansão, com piscina, carro de último tipo, etc.

A comunicação efetuada pela mídia nacional ou local tem um peso muito grande na vida do jovem e, portanto, poderia ser usada como prevenção da violência urbana. "Na internet, a interatividade é virtual e privada. Na radiodifusão comunitária, a interatividade mostra-se real e pública, pois as situações são concretas, atuais e vivas, os fatos e as pessoas são conhecidos, os interesses são de todos" (NEPOMUCENO)¹⁰³.

As rádios comunitárias em algumas cidades fazem a diferença, pois facilitam uma integração entre os moradores. Com a capacitação, o radialismo comunitário amplia a participação da comunidade na gestão do veículo e na gestão da comunicação irradiada. No primeiro caso, entendimentos e acordos contínuos

¹⁰² NEPOMUCENO, Carlos et al.. **Mídia e Violência Urbana no Brasil**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001622/162289por.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

¹⁰³ NEPOMUCENO, Carlos et al., *loc. cit.*

entre os administradores da emissora e os agentes sociais são úteis para equipar adequadamente a rádio e para captar mais recursos e remunerar melhor os colaboradores. No segundo caso – o da comunicação propriamente dita, que é o que mais interessa à comunidade – aqueles entendimentos servem à orientação da emissora, à produção de conteúdos e ao exercício da liderança comunicativa pela comunidade e aos ajustes do acoplamento entre a grade de programação e ao desejo comunitário (NEPOMUCENO, 2007)¹⁰⁴.

As Televisões educativas, por meio de atividades educacionais também podem trabalhar a favor propiciando uma melhora na sociabilização e integração de grupos da comunidade, preparando-os para conviver entre seus pares e com a sua família.

Uma rádio comunitária já é um amortecedor da violência e de impactos negativos da globalização, porque favorece e realiza integração social por meio de valores da identidade local. Além de práticas e linguagens que induzem à paz social, e que resultam automaticamente de sua natureza e da programação habitual.

As rádios comunitárias desenvolvem trabalhos extraordinários de apoio aos jovens em situações de conflito. Já se tornou banal que a rádio comunitária tira jovens do tráfico e da violência. Já está provado que os conteúdos da rádio comunitária fazem dela uma casa da cultura da paz (NEPOMUCENO, 2007)¹⁰⁵.

Os jovens devem ser acompanhados em seus conflitos. A sua integração à comunidade o faz sentir-se útil, reconhecido e benquisto, fazendo diminuir a violência.

Para NEPOMUCENO (2007), quando o assunto é juventude, a rádio e a escola devem estar juntas.

Toda emissora comunitária pode e deve montar uma rádio escola dentro da estrutura de sua programação. Essa rádio escola é um núcleo de irradiação das atividades da juventude, com programas diversos realizados pelos jovens, os quais já são esteios da atuação da emissora, como voluntários, programadores e locutores, e como membros de grupos de solidariedade, esportivos, artísticos, profissionais, cooperativos, cujas atividades confluem para a programação da emissora.

¹⁰⁴ NEPOMUCENO, Carlos et al.. **Mídia e Violência Urbana no Brasil**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001622/162289por.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

¹⁰⁵ NEPOMUCENO, Carlos et al., loc. cit..

Com isso, eles não participam dos processos de marginalização, um dos responsáveis pelo aumento da violência urbana. Geralmente eles vão às rádios acompanhados por professores.

Programadores da rádio recebem jovens, acompanhados ou não de professores, e fazem com eles a rádio escola, auxiliando os até a hora de cuidarem dos programas sozinhos. Um programa será de reportagens, outro de entrevistas, outros de trabalhos escolares, problemas da comunidade, escolha profissional, de expressão e opinião, concursos e empregos, etc. (NEPOMUCENO. 2007)¹⁰⁶.

A criatividade do jovem é um incentivo para que ele compartilhe fatos e, quando esses fatos são positivos, a sociedade só tem a ganhar, ganha um comportamento cidadão.

Para NEPOMUCENO (2007)¹⁰⁷ a cidadania deve ser o foco principal da emissora de rádio pública:

[...] é fundamental ter em consideração o princípio da cidadania. Em uma emissora pública, o foco deve estar voltado para o cidadão, ao contrário de uma emissora comercial, onde o foco está voltado para o consumidor. Cidadania significa direitos, significa desenvolver no ouvinte a consciência da conquista de seus direitos como cidadão. Cidadania significa que nosso jornalismo não pode perder de vista o cidadão, não apenas como ouvinte, mas também como produtor de informação. Reportagens e entrevistas dando voz ao cidadão, ao morador, ao trabalhador, aos setores excluídos da sociedade, dar espaço e voz àqueles que em geral não o tem na mídia comercial, permitir que o cidadão comum seja produtor de sua própria informação.

Dessa forma, contribuem para a integração formal do jovem à comunidade. Deve-se considerar que os professores também são responsáveis pela formação dos seus alunos. No entanto, de acordo com Moraes e Pescarolo (2012)¹⁰⁸, os alunos adolescentes estão num [...] período de transformações, de passagem para a vida adulta, é necessariamente um período de questionamentos - alguns preferem falar em *crises* - que dão continuidade à construção da sua identidade com a redefinição de alguns de seus elementos.

¹⁰⁶ NEPOMUCENO, Carlos et al.. **Mídia e Violência Urbana no Brasil**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001622/162289por.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

¹⁰⁷ NEPOMUCENO, Carlos et al., *loc. cit.*

¹⁰⁸ MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. **Quem tem medo dos jovens?**. Disponível em: <<http://www.naoviolencia.org.br/pdf/quemtemedodosjovens.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

É preciso implantar uma cultura em que haja integração e que esta integração traga bem-estar coletivo, sem fomentar a violência entre os jovens da comunidade.

Enfim, pode-se dizer que a violência urbana representa, para os jovens, um acidente de percurso, pois pode ser combatido pela união das famílias, pela escola e pela mídia em geral, por meio da integração entre eles e com a comunidade a que pertencem.

7. O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA URBANA

A escola, no âmbito municipal e estadual, tem papel fundamental no combate a violência urbana a medida em que promove o debate entre a comunidade e as Organizações não Governamentais no sentido de prevenir ou combater a violência urbana na cidade de Curitiba.

Lopes et al.. (2008)¹⁰⁹ vêm a escola atual da seguinte maneira: “são instituições escolares à mercê de políticas educacionais insuficientes, descontínuas e afastadas da realidade social da população que deseja atingir”.

Apesar desse entendimento, indicam ações que a escola pode tomar para conter a violência em seu interior:

- Fomentar as ações político-pedagógicas acerca da violência escolar, capacitar os profissionais envolvidos com o trabalho de enfrentamento às violências escolares, realizar levantamentos específicos de índices dessa problemática na escola e, ainda, dar suporte para cada escola parceira nos casos de violência escolar;
- Fomentar as ações político-pedagógicas relacionadas à participação e à efetiva inserção dos jovens de grupos populares urbanos nas escolas, seja para aqueles que a frequentam ou para aqueles que a abandonaram (LOPES, et al., 2008, p. 69).

Sallas *et al.*. (1999)¹¹⁰ dá ênfase a escola. As respostas obtidas em sua pesquisa variam de acordo com o colégio e a classe social dos entrevistados, mas possuem certas semelhanças, tais como: “formação do caráter”, “estudo é fundamental”, “sem estudo a gente não é nada”, “no futuro você não é ninguém”.

Portanto se o jovem acha que escola é a base para que seu futuro seja promissor, é realmente nela que devem acontecer os debates e as orientações para que a violência urbana seja minimizada. “Assim, para a maioria dos jovens a escola é um espaço que auxilia na formação do caráter, precedido somente pela família, é

¹⁰⁹ LOPES, Roseli Esquerdo et al.. **Juventude pobre, violência e cidadania**. Saude soc., São Paulo, v. 17, n. 3, 63-73, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=sci_12902008000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jun. 2012.

¹¹⁰ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al.. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012. 46

fundamental quando se pensa no futuro e na inserção profissional” (SALLAS, 1999)¹¹¹.

A escola é valorizada pelo jovem, que percebe sua importância na estruturação de sua vida.

Depois da família, a escola é a que mais contribui para a formação do jovem: “O aspecto formador, por sua vez, está intimamente ligado a um processo disciplinador que, entre outros, prepara para o trabalho”. À pergunta se a escola mudou a sua vida, um dos comentários é: “ajuda você ter disciplina em tudo que faz, seja no trabalho, seja no lazer” (escola particular/meninas/manhã).

Sobre as questões dos debates na escola para a conscientização e para a formação do jovem, a pesquisa aponta:

Quando perguntamos sobre a importância da escola na discussão de um rol de temas apresentados, os que obtiveram os maiores índices foram meio ambiente/ecologia, drogas, respeito/dignidade/liberdade, desigualdade/discriminação, violência e discriminação racial que ficaram empatados.

Os temas que os próprios jovens propõem para discussão podem nortear a escola e os educadores sobre o que a juventude espera da escola e do educador, para a formação tanto para vida como na prevenção da violência urbana. Enfatiza-se que esta pesquisa de Sallas et al.. (1999)¹¹², foi realizada na cidade de Curitiba.

Para os professores, o papel da escola, semelhante ao que pensam os jovens, seria de ‘educar para a vida, para a sociedade, não especificamente dentro de um ramo, ou dentro de um nível’(professores/escolas/públicas). Segundo o rol de questões apresentadas sobre qual seria o papel da escola na formação dos jovens, o primeiro item foi informar sobre respeito; os outros, em sequência decrescente, foram: informar sobre drogas, sobre dignidade, sobre liberdade, com igual índice a estimular a visão crítica, informar sobre violência, oferecer bom conteúdo de programa (SALLAS et al., 1999).

Os educadores compartilham do mesmo pensamento dos jovens entrevistados, no que se refere ao tema.

Na opinião das policiais, é talvez mais coercitiva. “As policiais da patrulha escolar, indagadas sobre os valores fundamentais a serem aprendidos pelos jovens,

¹¹¹ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. cit.*

¹¹² SALLAS, Ana Luisa Fayet et al., *loc. cit.*

lembram, assim como os professores, respeito e limites, que para eles aparecem como direitos e deveres” (SALLAS, 1999)¹¹³.

Conhecer os seus direitos e os seus deveres, não só direitos. O cidadão tem que aprender a conhecer não só os seus direitos, mas também os seus deveres, aí sim.. // 'Eu acho que respeito também é fundamental, porque se existem normas dentro da escola, o aluno enfrenta a diretora, não quer saber se existem normas dentro da escola, ele quer sair a hora que ele quer, quer mandar e desmandar, quer zonestar, para ele não existe respeito, o pai não impõe limites para a criança, então ele não sabe qual é o papel da diretora, que a diretora é uma autoridade dentro da escola, que o professor é uma autoridade dentro da escola, que o professor é uma autoridade, que qualquer funcionário tem autoridade mais que ele, dentro da escola. Então eu acho que os valores, os valores de respeito, de limite, [...] isso vem da família' (Polícia Militar/ soldados femininos).

Percebe-se que a autoridade policial reafirma a necessidade de disciplina, de limites necessários aos adolescentes, que deveria começar primeiramente na família. Para a entrevistada é preciso ensinar o respeito à autoridade escolar. Ao educar o jovem com limite e respeito para com o outro, tanto os familiares, como os educadores estarão dizendo não à violência urbana.

Não se deve esquecer, porém, que a autoridade policial também deve conhecer seus limites, agindo com educação, prudência e urbanidade, certamente contribuirá para a diminuição da violência no Brasil.

¹¹³ SALLAS, Ana Luisa Fayet et al.. **Os Jovens de Curitiba: esperanças e desencantos. Juventude, Violência e Cidadania.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130867porb.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2012.

8. CONCLUSÃO

Nas últimas décadas, a violência urbana tem merecido destaque nos veículos de comunicação, sendo objeto de estudos e discussões de especialistas. Alguns estudiosos, como visto, afirmaram que a violência ocorre geralmente entre pessoas com escolaridade baixa e em decorrência das desigualdades sociais, dentre as quais, o desemprego, a falta de moradia, a má distribuição de renda. No entanto, foi possível constatar que a violência não é exclusividade das classes baixas, muito pelo contrário, ela está sujeita àquelas de maior poder sócio econômico, mormente entre os jovens usuários de drogas.

No tocante à violência em Curitiba, fica claro que as estatísticas desfavoráveis sugerem um crescimento significativo da violência na cidade, despontando como a 6ª capital mais violenta do Brasil.

Quanto à juventude curitibana, verificou-se que, gostando ou não da cidade, ela acredita que a violência na cidade exista pela urbanização e pelo crescimento

desordenado, o que reflete em aumento de contingente nas regiões periféricas. Outro grave problema apontado foi a discriminação de gênero, classe e/ou até mesmo de raça.

A estrutura familiar também foi mencionada como fator de violência urbana, acrescida de questões socioeconômicas ou psicológicas, ou mesmo pelo aumento do consumo e tráfico de drogas.

A ociosidade gerada pela falta de oportunidades, de espaços para o lazer, tal qual a falta de identidade que o jovem tem com a cidade, foram incluídos pelos jovens como justificativas para a violência urbana.

Outro aspecto relevante é a banalização que a mídia faz da violência urbana, induzindo as pessoas a acreditar que ela corresponda a um ato normal a ser praticado pelo jovem. Todos os dias essa violência adentra os lares pelo rádio, pela televisão, bem como pela Internet.

O trabalho demonstrou que nem mesmo a escola está livre dessa violência urbana, sendo um dos cenários mais incidentes de tal prática pelos jovens, muito embora, para a maioria dos jovens, o que pesa na questão segurança é a estrutura familiar.

No que diz respeito à prevenção, uma das soluções é o diálogo, tanto na família como na escola. As rádios comunitárias podem ajudar nesse sentido envolvendo os jovens em suas atividades.

A união de esforços dos pais, educadores, sociedade, polícia podem ajudar a prevenir e combater a violência, tornando esta cidade um lugar mais aprazível para se viver.

O Poder Público também tem responsabilidade nesse aspecto, cabendo a ele construir um Estado que seja plenamente hábil em assegurar ao cidadão condições plausíveis para a vida em sociedade. Dessa maneira, haverá uma forma de controlar -- de maneira eficaz -- o exercício do conjunto das instituições, sem desdizer o princípio das liberdades individuais.

REFERÊNCIAS

ABLASTER, Anthony. **Violência.** Disponível em <http://www.bancodeprofissionais.com/guiacontraviolência/violência>. Acesso em Mar.2011

A face da violência Urbana. Disponível em <http://meuartigo.brasescola.com>. Acesso em Mar.2011

BARALDI, Tereza Cristina Albieri. **Políticas Públicas e Direitos Humanos.** Gestão em Segurança Pública. Módulo II, Aula 6. Fundação João Mangabeira. Brasília, 2008.

Câmara dos Deputados de Brasília. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/> Acessado em 30 mar. 2011.

CASTRO, Mary Garcia. *et. al.* **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências.** Cadernos de Pesquisas. São Paulo, n. 116, jul. 2002, p. 161.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição.** São Paulo: Cortez, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico.** São Paulo: Marin Claret, 2001

ESTEVES, Alina. **A Criminalidade na Cidade de Lisboa: Uma Geografia da Insegurança.** Lisboa: Colibri, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O direito da População à Segurança.** Rio de Janeiro: Petrópolis: Cedec, 1985.

FRANCISCHINI, Rosângela; NETO, Manoel O. de S.. **Enfrentamento à Violência contra Crianças e Adolescentes: Projeto Escola que Protege.** Rev. Dep. Psicol.,UFF, vol.19, no.1. Niterói 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232007000100018>. Acesso em: 30 jan. 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GUIMARÃES, Áurea, M. **A Dinâmica da Violência Escolar: Conflito e Ambigüidade.** Campinas, SP: Editores Associados, 1996.

INSTITUTO Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas. **Núcleo de Estudos da Violência: Vidas em Riscos, Assassinatos de Crianças e Adolescentes no Brasil.** Rio de Janeiro: Ibase, 2010.

IZUMINO, Wânia Pasinato et al.. **Violência Urbana e Graves Violações de Direitos Humanos**. São Paulo: LTr, 2002.

LATERMAN, Ilana. **Violência e Incivilidade na Escola: Nem Vítimas, nem Culpados**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

LIMA, Roberto Kant de. **Violência, Criminalidade, Segurança Pública e Justiça Criminal no Brasil**. Rio de Janeiro, 2000.

LOPES, Roseli Esquerdo et al. . **Juventude pobre, violência e cidadania**. Saúde soc., São Paulo, v. 17, n. 3, 63-73, set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300008&lng=en&nrm=iso>, Acessado em: 04 jun. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000300008>.

LÜCK, Heloísa *et al.*. **Desenvolvimento Afetivo na Escola: Promoção, Medida e Avaliação**. Petrópolis: Vozes, 1983.

Mapa da Violência: em 10 anos, Pernambuco reduz as taxas de homicídios de crianças e jovens. Disponível em: <<http://www.psbnacional.org.br/not=det.asp?det=2047>>, Acesso em: 20 jul. 2012

MELLO JORGE, Maria Helena Prado de. **Adolescentes e Jovens como Vítimas**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 513.

MISSE, M. **Cinco Teses Equivocadas Sobre A Criminalidade Urbana No Brasil**. Série ESTUDOS, v. 91, ago. 1995, p. 23-40.

MISSE, Michel. **Violência: o que foi que aconteceu?** Jornal do SINTURF, ano XVII, n. 529, 2002. Disponível em: <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/1Violenciaoquefoiqueaconteceu.pdf>>, Acessado em 13 fev. 2010.

Mídia e violência urbana no Brasil. Brasília: UNESCO, Viva Rio, 2007. 92 p. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001622/162289por.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2012.

MORAIS, Regis de. **O que é Violência Urbana?** São Paulo: Brasiliense, 1983.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. **Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens**. Revista Ciênc. Saúde coletiva. Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, ago. 2009.

O Adolescente e as mudanças na criminalidade urbana. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down067.pdf>>, Acesso em: 13 fev. 2012.

O conceito de violência em Hannah Arendt e sua repercussão na educação. Disponível em: <<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?article809>>, Acesso em 04 jun 2012.

O conceito de violência de professores do ensino fundamental. 2001. 410 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. Disponível em: <www.bibliotecadigital.ufba.br>. Acesso em: 04 jun. 2012.

O Conceito de Violência em Hannah Arendt e sua repercussão na educação. Disponível em: <<http://www.educacionenvalores.org/spip.php?article809>>, Acesso em: 31 jan. 2012

OLIVEIRA, Elcimar Maria. **A Criminalidade Urbana na Visão de Michel Misse.** Disponível em: <<http://www2.forumseguranca.org.br/node/22708>>. Acessado em 19 mar. 2012

PAIXÃO, Divaneide Lira Lima. **Direitos Humanos e Adolescência no Contexto de uma Sociedade Violenta: Um Estudo de Representações Sociais.** Tese de Doutorado. Brasília, 2008. [S.p].

PAIVA, Vanilda. **Violência e Educação.** São Paulo: Cortez, 1992

Pesquisa destaca os efeitos da violência urbana nas vítimas . Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2010/07/pesquisa-destaca-os-efeitos-da-violencia-urbana-nas-vitimas.html>>, Acessado em 12 jan. 2011.

Quem tem Medo dos Jovens?. Disponível em: <<http://www.naoviencia.org.br/pdf/quemtemedodosjovens.pdf>>, Acessado em: 13 fev. 2012

RISTUM, Marilena. **O conceito de violência de professores do ensino fundamental.** Tese de Doutorado. Salvador, 2001. 410f.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violência e Conflituosidades.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009, p.46.

SALLAS, Ana Luisa Fayet (coord.) **Os Jovens de Curitiba: Esperanças e Desencantos.** Brasília: UNESCO, 1999.

Segregação socioespacial e violência urbana. 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1973-8.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2012.

SEVERINO, Joaquim. **Metodologia Científica.** São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Maria José Domingues da **Para Onde Caminha a Educação: A Violência nas Escolas e suas Implicações para a Prática Pedagógica.** Monografia (Especialização em Pedagogia). Curitiba: UFPR, 2002.

SILVA, Luiz Antonio Machado da **Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano**. Soc. estado., Brasília, v. 19, n. 1, jun. 2004 .

SILVA, Luiz Antônio Machado da **"Violência urbana", segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual**. Cad. CRH, Salvador, v. 23, n. 59, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000200006&lng=en&nrm=iso>, Acessado em 04 de junho de 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792010000200006>.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Violência e conflituosidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

TEIXEIRA, Alex Niche **A Especularização do Crime Violento pela Televisão**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

Um problema de Estado na Sociedade: Violência Urbana. Disponível em: <<http://feministactual.wordpress.com/2008/03/06/um-problema-de-estado-na-sociedade-violencia-urbana>>, Acesso em: 30 mar. 2012..

Um problema de Estado na Sociedade: Violência Urbana. Disponível em: <<http://feministactual.wordpress.com/2008/03/06/um-problema-de-estado-na-sociedade-violencia-urbana>>, Acesso em: 30 mar. 2011.

VELLOSO, R. P. João. **Governabilidade: Sistema Político e Violência Urbana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994

Violência manifesta e oculta. Disponível em: <http://www.ceismael.com.br/artigo/violencia-manifesta-e-oculta.htm>>, Acesso em: 31 jan. 2012.

Violência. In: OUTHWAITE, W. BOTTOMORE, T. (ed.). Dicionário do pensamento sócia do Século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 803-804.

Violência: o que foi que aconteceu? Disponível em: <<http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/images/1Violenciaoquefoiqueaconteceu.pdf>>, Acesso em: 13 fev. 2012.

Violência. Verbete do Dicionário Enciclopédico. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/dicionarioenciclopedico/violencia>>, Acesso em: 04 jun. 2012

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012**. Criança e Adolescentes do Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro, 2012.